

EDUCAÇÃO SEXUAL: UM DIÁLOGO DE PROFESSORAS NO BRASIL E EM PORTUGAL SOBRE CONCEPÇÕES TEÓRICAS NECESSÁRIAS AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS¹.

Vera Márcia Marques Santos²
Centro de Educação a Distância – CEAD/UDESC.

Resumo:

Este artigo reflete parte dos resultados da investigação realizada com nove professoras em processo de formação continuada, no período de 2008 a 2010 no Brasil e em Portugal. A pesquisa de cunho qualitativo ancorou-se nos princípios da pesquisa-ação e teve como instrumentos de coleta de dados a formação de dois Grupos Dialogais, questionários e entrevistas. O diálogo estabelecido com estas profissionais e parceiros teóricos Chauí, Freire e Nunes dentre outros, proporcionou intensas reflexões, a partir da tese: o(s) conteúdo(s) que tem referenciado práticas pedagógicas de professores e professoras tem sido a sua própria sensibilidade e intuição e muito pouco tem vindo das instituições formadoras. Com isso pude investigar que as intervenções pedagógicas dessas professoras, quando se trata de manifestações sexuais de seus alunos acontecem de acordo com as concepções teóricas de cada uma.

Palavras-chave: Educação Sexual; Formação Continuada de Professores; Práticas Pedagógicas.

Concepções necessárias para uma travessia: educação sexual e Sexualidade.

As concepções necessárias para uma travessia: educação sexual e Sexualidade configuram-se em uma dimensão encontrada na pesquisa de doutoramento “Pontes que se estabelecem em educação sexual: um diálogo sobre a formação

¹Dimensão trabalhada na pesquisa de doutoramento em fase de conclusão, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Sob a orientação da Dr^a. Mari Margarete dos Santos Forster.

²Mestre em Educação e Cultura e Professora Assistente do Centro de Educação a Distância – CEAD/UDESC E-mail: veramarquessantos@gmail.com Endereço: Avenida Madre Benvenuta, 2007 – CEP 88035-001 - Itacorubi – Florianópolis – Brasil. Fone: (55) (48) 33218405.

continuada e os saberes das práticas pedagógicas de professoras no Brasil e em Portugal”.

As reflexões encontradas nessa dimensão apontam para a compreensão das professoras em processo de formação continuada sobre os conceitos sexo e sexualidade, que indicaram sexualidade como sendo sinônimo de sexo ou como um despertar para o desejo e/ou para a vida sexual. Mas também, respostas que apontam para a superação desta compreensão e, ainda, as contribuições a partir das reflexões feitas por cinco professoras formadoras – três brasileiras e duas portuguesas que foram entrevistadas. Sobre os dois conceitos observa Graça Soares³ (2010):

Penso que pouco mudou na questão da sexualidade e educação, continua ainda a dicotomia entre sexo e sexualidade, com as mesmas dúvidas (do tipo quando começar ‘a educação sexual’, até onde e como responder), uma educação ainda muito focada em pergunta e resposta.

As participantes desta pesquisa, ao serem perguntadas sobre o que entendiam por sexo e sexualidade as respostas referendam a observação anterior, mas também apontam para possibilidades de superação, da compreensão reducionista apontada por Soares (2010) conforme pode ser observado nas respostas que seguem.

Herta⁴ responde considerando os dois conceitos, não os separa e, para tanto, diz que é [...] *como expressamos, de diferentes formas, a nossa necessidade de contacto, afecto, amor...*

Maris ao dizer o que entende em relação aos dois conceitos, quando se refere ao que seja sexo, assim se expressa: *Sexo é um acto mecânico, instintivo e pontual, que surge na busca do prazer físico e da satisfação pessoal.*

No entanto, ao se referir ao conceito sexualidade, amplia a sua compreensão, mostrando que parece estar num momento de reformulações com relação aos conceitos. Temos então, que para esta participante da pesquisa: *Sexualidade é um*

³Graça Soares é uma das cinco professoras formadora que foi entrevistada.

⁴Herta, Maris, Jamie, Zorah, Catarina e Ludovico fazem parte do grupo de professoras em processo de formação continuada. A opção por usar o termo professoras, e depois o feminino, mesmo tendo um professor no grupo é para aquecer o debate que objetiva superar o ranço sexista, onde mesmo em grupos compostos majoritariamente por mulheres, continua-se usando o termo professores.

clima que envolve uma relação, um ambiente que se constrói e trabalha todos os dias, constante e presente em todos os momentos da relação, que para além da busca do prazer físico e da satisfação pessoal, procura a harmonia do casal e o bem-estar do outro.

Para Jamie, *Sexo – masculino e feminino. Sexualidade- o individual de cada um.* Já Zorah diz que *Sexo já nascemos com ele somos seres sexuados. E que, sexualidade é um tema que gera muita polêmica e discussões, mas está no nosso cotidiano precisamos desmistificar e quebrar os tabus existentes.*

Observo que para Jamie e Zorah, sexo é a marca biológica, é o que nos identifica como sendo machos ou fêmeas. Para o exercício de desconstrução desta compreensão busco apoio teórico em com e a partir de Nunes (1997:1), quando aponta que *sexo é a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana enquanto espécie animal*, o que vai dizer se fazemos parte da categoria masculina ou feminina independente do lugar por onde colocamos o nosso desejo sexual, aqui me refiro à orientação sexual de cada ser humano, homens ou mulheres, heteros ou homossexuais.

Ao ampliar estas reflexões, passo para o conceito sexualidade e para tal, busco parceria teórica em Nunes (1997) e Chauí (1991) que se referem à sexualidade como um conceito cultural que não se reduz aos órgãos genitais – à contemplação desses órgãos e ao biológico como sugerem algumas das participantes. E neste sentido, pode-se dizer que o conceito poderá dar significado e qualidade ao sexo, ou seja, a marca biológica, proporcionando as nossas decisões e atitudes sobre esta dimensão humana – a sexualidade, posturas ancoradas na intencionalidade, fugindo assim, do paradigma histórico que a coloca na seara da instintividade, onde na história da humanidade algumas vivências e atitudes, têm sido aí justificadas.

Já na Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1998) encontro elementos que na mesma perspectiva paradigmática ao se referir a estes dois conceitos, complementa que “a sexualidade ao se constituir numa elaboração histórica e cultural, vai também se compreender e se explicar no contexto e nas relações nas quais se produz” (p.17).

Nesse sentido trago como exemplo para a observação acima, a “necessidade” masculina de ter satisfeitos os seus desejos “instintivos” de macho que precisam ser satisfeitos a qualquer preço, sob pena de numa relação principalmente hétero estável, “ter o direito” de procurar outra mulher para sua satisfação sexual, ou seja, para a contemplação dos órgãos sexuais.

Sendo a sexualidade um conceito histórico, portanto, também processual e mutável, é possível afirmar que este modelo não pode mais se sustentar, pois de acordo com Maris,

Sexualidade é um clima que envolve uma relação, um ambiente que se constrói e trabalha todos os dias, constante e presente em todos os momentos da relação, que para além da busca do prazer físico e da satisfação pessoal, procura a harmonia do casal e o bem-estar do outro.

Embora Maris reduza a sua compreensão acerca da sexualidade às vivências de casais, não considerando a sua existência em qualquer condição de uma pessoa, o que as participantes apresentam me remete aos espaços de formação, quando tenho sido chamada para momentos de sensibilização com professores(as).

Neste momento, começo solicitando que digam sem muitas reflexões, sem a preocupação com estar certo ou errado, o que lhes vem imediatamente, quando ouvem ou lêem o termo sexualidade. E, em todos os momentos sem exceção, alguns já em seguida, em outros depois de tentativas do “politicamente correto”, isso de acordo com o perfil de cada grupo, há uma unanimidade em dizer que: Sexualidade é sexo, no sentido do ato sexual, da contemplação dos órgãos genitais, ou como alguns dizem é a “transa professora”.

Com isso e como professora que tem atuado na formação inicial, e principalmente na formação continuada de professores e professoras, tenho tido a oportunidade de perceber a necessidade em se travar um longo e exaustivo debate acerca da compreensão que enreda os conceitos **sexo e sexualidade** com estes profissionais em “ação-formação”. Já no início de qualquer reflexão envolvendo a temática, fica explicitado a carência na compreensão sobre tais conceitos, o que pode levar à um truncamento de práticas pedagógicas no lidar com a sexualidade de maneira não

reducionista. Ou seja, pelo que tenho acompanhado, a confusão que se faz com o uso dos dois conceitos pode ser responsável pela negação ou “o esquecimento” de práticas pedagógicas que envolvam a sexualidade nos diferentes espaços sociais, e aqui nos interessa especialmente os espaços que envolvem a educação básica.

Se a compreensão de que sexualidade corresponde a sexo como sinônimo de ato sexual é amplamente consensual neste primeiro contato, isto me permite considerar que esta seja quem sabe, se não a mais importante, uma das mais importantes etapas no processo de formação: a sensibilização para o exercício de outro olhar para os conceitos em questão. O desvelar desta compreensão trazida da constituição histórica de cada um(a) no que diz respeito à temática, torna-se cabal para prosseguir na direção de um trabalho pedagógico destituído de mitos, tabus e preconceitos.

E neste sentido continuam as participantes desta pesquisa. Ludovico, por exemplo, chama a atenção para o momento em que num trabalho da disciplina Educação Sexual, aplicou questionários com alunos da Faculdade de Ciências perguntando-lhes: *o que é sexualidade? E quase todos eles responderam que sexualidade é igual a sexo e só. Sem levar em efeito as outras coisas que estão à volta, mas isso é uma resposta social, construções sociais.* O que Ludovico aponta me remete ao Professor Danilo Streck quando observa que:

sabemos que aquilo que cada um e cada uma de nós é (ou não é) resulta de múltiplas aprendizagens feitas ao longo da vida. Isso não quer dizer que de modo determinista aprendemos tudo o que quiseram nos ensinar e da maneira como pretendiam que aprendêssemos (STRECK, 2001, p. 100).

Considerando o que traz Ludovico e a observação feita por Streck (2001) convém ressaltar que as múltiplas aprendizagens que nos constituem enquanto seres que refletem o resultado de suas interações no mundo e com o mundo, também nos responsabilizam quanto ao modelo de sociedade que defendemos.

Maris e Catarina também se manifestam sobre o que têm vivenciado quando se trata da compreensão do que seja sexualidade:

Os próprios professores quando perguntados sobre o que era, a primeira coisa que vinha na respostas destes professores é que era uma coisa igual a outra, não conseguem perceber que outras coisas estão por trás. E essa parte eu acho que falta a muitos professores (Maris).

Ao que Catarina complementa: *mas acho que não é fácil falar disto para ninguém e também para os professores. Agora estar preparado, ter essa temática na formação faz de nós professores com autonomia.*

A autonomia a que se refere Catarina é também a autonomia da qual nos fala Paulo freire (1997):

A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (FREIRE, 1997, p. 121).

E o melhor contexto para estas experiências respeitosas da liberdade parece ser o lócus de onde se manifestam estes(as) profissionais da educação que até então, de acordo com a ampla maioria de seus depoimentos e registros vem reproduzindo um entendimento equivocado acerca dos sexualidade e sexo, ou seja, percebe-se grande confusão no uso dos dois conceitos.

Passado este momento de identificação de equívocos na compreensão dos conceitos, a proposição é de reflexão no sentido de perceber que esta postura acaba sendo determinante na inviabilização de intervenções pedagógicas que contemplem a temática de forma positiva, numa perspectiva de autonomia. Por exemplo, de uma intervenção pedagógica na Educação Infantil, fica praticamente inviabilizada, pois pensar que crianças possam possuir sexualidade, nessa lógica de sexualidade como sexo e contemplação dos órgãos genitais, pode parecer um grande absurdo.

E, sendo assim, tal situação pode acabar gerando um dos grandes nós para as nossas práticas pedagógicas no que compreende a sexualidade, principalmente uma sexualidade que possa ser vivida de forma serena, responsável e livre, o que me parece ser possível a partir do entendimento desses dois conceitos.

Já quando se refere à sexualidade, o mesmo autor vai nos dizer que este é um conceito cultural, constituído pela qualidade, e pela significação do sexo e, que somente a espécie humana ostenta uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo, ou seja, da nossa marca biológica. E, sendo assim é uma esfera que possui uma intencionalidade. Portanto dimensão dinâmica, dialética, processual e histórica, por isso mutável. Assim sendo, Chauí (1991:15), afirma que a “sexualidade não se reduz aos órgãos genitais (ainda que estes possam ser privilegiados na sexualidade adulta) porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital”.

Foi possível perceber nestes espaços e também em minhas vivências pedagógicas, que quando há uma ressignificação desses conceitos atribui-se outro sentido para questões inerentes a sexualidade, percebendo que todos a possuímos, independente da faixa-etária em que nos encontramos e, isso traz uma espécie de tranquilidade ao fazer pedagógico, uma vez que, ficando claro que ao vivenciar a sexualidade não se trata necessariamente do ato sexual em si, fica mais tranquilo trabalhar com as questões que a permeiam. Embora percebam que não seja uma tarefa fácil, pois terão pela frente a tarefa de também sensibilizar para tais questões, a comunidade escolar em que atuam.

Sendo assim e numa tentativa de ampliação de tudo que tenho vivenciado como pesquisadora, educadora, cidadã, enfim os múltiplos papéis e funções que acabamos assumindo como seres que vivem as suas contradições, sem, no entanto poder se descuidar de que:

(...) Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005, p. 14).

Ainda sobre o que falam as professoras concordo com Figueiró (2006) quando afirma que é fundamental para a formação continuada, “ter ligação com os

problemas que os professores enfrentam em sua sala de aula” (p.92). Diante destes problemas, me pareceu então, que a organização do processo formativo deveria se sustentar nas vivências pedagógicas, diferente de alguns processos que tenho acompanhado e que também foi denunciado pelas participantes: a formação descolada da realidade vivenciada pelas(os) professoras(es), uma espécie de cumprimento de “protocolo” conforme denuncia Jamie:

[...] as universidades e secretarias de educação têm proporcionado bem pouco. E quando proporcionam é somente para cumprir com o cronograma de matérias. Cursos então nem pensar, surgem milhares direcionados a currículo, comportamento de alunos, etc, mas sobre educação sexual, nada.

Outra observação feita pelas professoras com a propriedade de quem vive o que está dizendo, é a necessidade que sentem em ter um acompanhamento, uma supervisão ao o seu trabalho de educadoras sexuais. Sobre isso Figueiró (2006) se manifesta com a observação de que no ensino da sexualidade, muitos professores para “[...] fortalecerem, em si próprios, a atitude de reconhecimento e aceitação de que a educação sexual é função da escola” (p.275), necessitam vivenciar a prática pedagógica supervisionada.

Esta prática pedagógica supervisionada, a que reivindicam as professoras no meu entendimento, pode ser vista de duas formas: como uma espécie de muleta, onde as professoras poderiam se apoiar, deixando assim de se envolver com as questões pertinentes aos seus fazeres pedagógicos envolvendo a sexualidade sob a desculpa de não saber fazer e não ter com quem contar no apoio pedagógico. Ou ainda, ser um momento de grupo, junto aos seus pares, num trabalho coletivo, onde o projeto é de toda a comunidade escolar, portanto, avaliação, planejamento e conquistas ou fracassos será também de todos. Com isso parece ser possível afirmar que estas condições junto às reflexões acerca desses pressupostos, por certo têm contribuído com as trajetórias profissionais e formação docente de professores que buscam na sua caminhada pedagógica, elementos que contribuam com este momento.

REFERÊNCIAS:

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual:** essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de Educadores Sexuais:** adiar não é mais possível. Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel, 2006. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

NUNES, César A. **Desvendando a Sexualidade.** 2 ed. Campinas: Papirus, 1997.

PIMENTA, S.; ANASTASIOU, L. **Docência no Ensino Superior.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

STRECK, D. **Pedagogia no Encontro de Tempos: Ensaio inspirados em Paulo Freire.** Petrópolis: Vozes, 2001.